

AINDA ESTOU AQUI

Exatamente 73 anos atrás, vi a luz do sol pela primeira vez. Nasci às 6h15 da manhã no Dia dos Reis Magos, numa modesta casa que meus pais alugavam no Largo do Cemitério da Saudade na Franca, então um descampado onde treinavam os rapazes do Tiro de Guerra sob o comando do sargento e pai da atriz Regina Duarte, nascida dois anos antes bem atrás da nossa casa. É provável que eu a tenha importunado com meus choros iniciais, bem feito. A atual Praça Carlos Pacheco que sucedeu o largo do cemitério foi construída em 1957 pelo prefeito Onofre Gosuen, onde colocou sua visão artística conservadora, instalando cópia em concreto do “Pensador” de Rodin e uma águia que alguns dizem ser nazista. Não lembro de nada disso, mas segundo minha tia e madrinha Cecília, de manhã subia no berço e da janela da casa assistia ao treinamento militar e, à noite, via o fogo fátuo do cemitério. Talvez daí venha minha curiosidade pelo mundo e pelas histórias que gosto de ouvir e contar. Minha primeira crônica publicada na imprensa, deve ser coincidência, foi sobre o show de lançamento da banda francana “Fogo Fátuo”, por volta de 1976.

Outro prefeito ignorante do que seja arte ou arquitetura construiu sobre a casa onde a reacionária atriz nasceu uma “Casa da Cultura e do Artista Francano”, um retumbante desastre arquitetônico que ao menos recebeu o nome de um grande francano, Abdias do Nascimento. Ao lado, a pequena casa onde nasci, estranhamente, ainda permanece intacta e ocupada, testemunha silenciosa da rápida destruição dos sítios mais importantes da cidade do século XIX e XX, quase nada restou. Nascido de parto natural em casa com assistência de uma parteira, sou um sobrevivente. Minha geração pós II Guerra Mundial assistiu a chegada de vacinas, leite pasteurizado, água tratada, acesso a medicina e outras modernidades que foram reduzindo drasticamente a mortalidade infantil. Era de 185/1000 em 1950, hoje não chega a 14/1000 crianças a taxa de mortalidade, apesar do desgoverno Bozonaro com seu malucos antivacina.

Vivemos na praça poucos anos, mas o lugar sempre esteve presente em minhas andanças pela cidade. Quando criança, era trajeto de minha casa ao estádio “Nhô Chico” da Francana, todos os domingos à tarde, a magia do futebol me capturou para sempre. Ou quando ia a algum enterro, para ir ao curtume que meu pai e meu tio montaram ao lado da estação de tratamento de esgotos. Hoje, sempre circulo por ali, é caminho entre minha casa e o centro da cidade.

Meus pais Wilson e Helena eram de classe média baixa, um bancário e uma dona de casa que tinha sido operária das máquinas de beneficiar café na adolescência. Valorizavam a educação e a leitura, todos os seis irmãos chegaram à universidade, inclusive meu pai que fez economia e direito já na maturidade. Ele aproveitou o boom da indústria calçadista a partir dos anos 1950. Tinha sido mascate de sapatos francanos nos anos 1940 viajando pelas ferrovias do interior, tornou-se um comerciante de couros e montou dois curtumes na cidade, a vida melhorou acompanhando a evolução urbana de Franca, vivemos em uma espaçosa casa bem no centro da cidade que se expandia rapidamente nos anos 1960-80.

Assisti e participei como cidadão e arquiteto urbanista das profundas transformações da cidade. Sempre penso que a minha decisão de voltar a Franca recém-formado para viver e fazer carreira aqui não poderia ter sido mais acertada, embora à época pudesse não parecer. Com amor, constituí com a artista Atalie uma família honesta e trabalhadora, tivemos filhos, netos e muitos amigos, alguns da vida toda. Trabalhei e estudei muito, construí grandes e pequenas obras na cidade e região. Fiz mestrado e doutorado, ajudei a formar inúmeros profissionais e ainda continuo na universidade, escrevo na imprensa debatendo o futuro da cidade com cargos na prefeitura ou não, publiquei livros, plantei árvores, ajudei a criar um movimento cultural, o Laboratório das Artes. Passei pela ditadura, acreditei e trabalhei na construção de um partido político (PT) para mudar o país para melhor, vi as mudanças positivas para os mais pobres e como conquistas sociais

podem ser destruídas em questão de dias. Vi a crise climática se aprofundar sem que a maioria se dê conta de sua emergência. Vi a memória da cidade sendo destruída pela ganância de alguns poucos que se orientam apenas por dinheiro e poder. Enfim, tive alegrias e tristezas, muitas derrotas doloridas, algumas delas como a frustrante defesa da preservação do Hotel Francano e um Plano Diretor de Franca que me deixam orgulhoso, como diria Darcy Ribeiro.

Ainda assim, olho pra trás e penso que tive muito mais que jamais sonhei, sou feliz de ter contribuído e ainda poder continuar contribuindo para melhorar a vida das pessoas com meu trabalho na arquitetura, no urbanismo, na arte, na cultura, na preservação da história, nas lutas sociais por melhores condições de vida para os desassistidos pela sorte. A sorte que tive de vir de uma família trabalhadora. Pude conhecer a fazenda Borda da Mata onde viveram meus bisavós e avós paternos nas serras de Cristais Paulista desde o início do século XIX, nos primórdios da Vila Franca do Imperador. Conheci a cidade mineira de onde veio meu bisavô amansador de burros João “Paracatu”, talvez por isso tenha me tornado professor também. Conheci a Itália da cidade de Rovigo no Vêneto, de onde vieram meus avós maternos Alexandre Volpe e Maria Zorzo num barco a vapor no início do século XX, pobres imigrantes italianos em busca de um futuro melhor, que encontraram aqui neste rincão perdido no interior paulista.

Ainda estou aqui.

Mauro Ferreira é arquiteto